

SE VOCÊ JÁ SOFREU ABUSO SEXUAL, NÃO É EXCEÇÃO. NINGUÉM FALA, MAS ACONTECE NAS MELHORES FAMÍLIAS – E POR QUE NÃO NA SUA? **TPM** OUVIU HISTÓRIAS E DESTRINCHA O TABU QUE CAUSA NÃO SÓ TRAUMAS, MAS PRAZER E CULPA

TEXTO ARIANE ABDALLAH | FOTOS ANDRÉ KLOTZ

# GAROTA IN- TERROM- PIDA

“Ele se fazia de ‘o primo mais legal’ e criei certa dependência da relação. Por isso, me sentia culpada. Como podia gostar do cara que fazia aquilo comigo?”

SOFIA, 33 ANOS

Sofia\* tinha 6 anos quando descobriu a sexualidade — pelo menos, na prática. Estava com o primo de 17, na casa da avó, quando ele começou a tocar regiões do seu corpo em que só sua mãe encostava, durante o banho. A menina não sabia que aquele tipo de carinho, nessas circunstâncias, não era natural entre adultos e crianças, embora aconteça em muitas outras famílias. E, nas primeiras vezes que Marcos\* se esfregou nas coxas dela até ejacular, tocou seu clitóris ou mandou que ela fizesse sexo oral nele, Sofia ficava paralisada pelo medo da situação desconhecida. A confusão aumentou quando sentiu que os estímulos geravam uma sensação prazerosa — porém involuntária —, causada pelas terminações nervosas que se concentram nas zonas erógenas do corpo. Como qualquer criança, ela descobriria isso interagindo com amiguinhos da mesma idade e tocando o próprio corpo. Mas não deu tempo.

A menina passou oito anos se submetendo aos desejos eróticos do rapaz. Ele, então, pedia a ela que não contasse a ninguém o que faziam, senão os pais dela sentiriam vergonha. De fato, nenhum familiar, mesmo morando todos no mesmo sítio, parecia desconfiar. Nem quando ela completou 14 anos e Marcos a iniciou no sexo com penetração.

Mas por que, afinal, uma menina não diz “não” ao passar por isso? “É difícil dizer ‘chega’, pois a nossa sociedade é caracterizada pela submissão da criança ao adulto”, explica a psicóloga Karen Michel Esber, que escreveu o livro *Autores de Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes*. Sofia, hoje com 33 anos, confirma o que diz a especialista. “Ele se fazia de ‘o primo mais legal’ e criei certa dependência da relação.

Por isso, me sentia culpada. Como podia gostar do cara que fazia aquilo comigo?”, questionava ela. Embora nunca tenha sido pega à força, Sofia arriscava dizer “não quero”. Mas o garoto respondia que ia ser rápido e partia pra cima. “A mulher tem tendência a resistir, resistir até que cede. Quando a relação é saudável, o homem a corteja até ela se entregar por amor. No caso de abuso, ela entrega os pontos”, resume o psicanalista Oscar Cesarotto, da PUC-SP. Ele conta que suas pacientes que sofreram abuso sexual\*\* só depois foram descobrir que as questões que as levaram a procurar seu consultório — dificuldade de se relacionar com filhos ou marido, ou travas sexuais — estavam associadas aos traumas da infância.

A constatação acima é comum a todos os médicos e psicólogos ouvidos pela *Tpm*. Os especialistas também concordam que casos de abuso acontecem com igual frequência em todas as classes sociais, embora percebam que nas mais altas o comum é abafá-los. Porém, quando o silêncio é rompido, elas costumam lidar melhor com a questão. “As mais po-

bres têm preocupações básicas de sobrevivência”, observa o psicólogo Julio Peres, autor de *Trauma e Superação — O Que a Psicologia, a Neurociência e a Espiritualidade Ensinam*. Por exemplo, se o salário vai dar para pagar as contas. “Já as que têm estudo, condições financeiras, enfim, mais possibilidade de refletir sobre si mesmas, assimilam melhor a experiência”, conclui.

Apesar das variáveis, ninguém que passe por isso está privado de conhecer, precocemente e de uma só vez, sensações tão paradoxais quanto prazer, culpa e solidão. “A criança sente dificuldade em saber que aquilo é errado. Geralmente, o abusador é alguém em quem confia, que muitas vezes dá doces ou um dinheirinho para conquistar o silêncio”, esclarece Daniela Pedroso, psicóloga e mestre em saúde materno-infantil. Ela trabalha há 12 anos no Núcleo de Atenção Integral a Mulheres em Situação de Violência Sexual do hospital paulistano Pérola Byington. Lá, todos os dias são atendidos entre 15 e 18 casos de violência sexual, sendo a metade deles com crianças. Mas estima-se que as 21 mil denúncias que o hospital recebeu em 16 anos representem apenas 10% do que acontece na realidade.

### Nas melhores famílias

Logo, o que aconteceu com Sofia é mais comum do que se imagina, inclusive a parte do primo e a da culpa. Segundo o Ministério da Saúde, 86% dos abusadores conhecidos são da família ou muito próximos. Já as vítimas, 78% das vezes são mulheres, segundo o Disque Denúncia Nacional de Abuso e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes. “Tem a fase do conflito quando a criança já entende que aquilo não é certo, mas ainda não está madura para dizer que não quer”, reflete o obstetra Osmar Colás, coordenador do Programa de Atendimento à Violência Sexual da Unifesp.